

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e **O POVO** se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

Senhor, piedade!

Paulo Wilton Xavier
paulo.wiltonxavier@hotmail.com

Ao analisar o cenário contemporâneo brasileiro, em suas múltiplas esferas, veio-me à memória a célebre expressão de Leonel Brizola ao se referir a Lula como “espuma da história”, em uma metáfora que remetia à superficialidade das ondas diante da profundidade em compreensão das águas. Logo indagando que o presidente Lula, seus apoiadores e algozes talvez tenham mais em comum do que as divergências sugerem. O questionamento nasce do contraste entre a gravidade de escândalos éticos e nada republicanos, somados a crises profundas no sistema financeiro, e a facilidade com que o debate público se desloca para temas rasos. Enquanto questões estruturais exigiriam reflexão séria e responsabilidade coletiva, a atenção se dispersa sempre por um boné, latas, pão e circo. Assim, quase sem perceber, permite-se que as dinâmicas de poder sigam operando de

forma silenciosa e pouco questionada. O episódio do caso Master não é apenas mais um capítulo de crise institucional; é a revelação de um vício estrutural da vida pública brasileira: o corporativismo como mecanismo de sobrevivência das elites estatais. Para conluíus ao arrepio da lei, entre banqueiros, magistrados e parlamentares, o que se assiste não é o funcionamento harmônico dos Poderes, mas a consolidação de uma lógica de defesa das castas, em que divergências públicas cedem lugar a pactos silenciosos quando interesses comuns se veem ameaçados. Tamanho é o despudor da ingerência com que se conduz a República, tudo acaba em acórdão, mas a história ensina que as democracias raramente colapsam de súbito; elas se esvaziam por dentro, na erosão gradual do descrédito e da confiança pública. Se togas e paletós não respeitam mais a Constituição, parafraseio Glauber Rocha ao dizer que mais fortes são os poderes do povo.

Geração Z: por uma experiência exclusiva

Vitor Siqueira
jornalistavitorsiqueira@gmail.com

Daily, priv, dixx e low profile são apenas alguns termos usados pela Geração Z para se desprender das redes sociais e compartilhar cada vez menos sua vida pessoal. Incontestavelmente, jovens nascidos entre 1997 e 2010 são conectados naturalmente às telas. A hiperconexão é fundamental para compreender esse paradoxo de estar presente nas redes sociais ao mesmo tempo que não quer fazer parte desse meio. A consciência dos impactos do excesso das mídias digitais na saúde mental e a ansiedade de estar fora de algum tema relevante levantam um desejo entre os jovens: a adesão a opções analógicas e tecnologias obsoletas. Com isso, o retorno de itens considerados anteriormente ultrapassados e “capados” figura agora na lista de compras dos jovens, em que buscam separar o que o celular conseguiu unir de maneira rápida e com custo inferior. Ou seja, a câmera do smartphone está sendo substituída por modelos analógicos ou digitais, assim como os aplicativos de

músicas estão dando lugar a aparelhos mp3 e tocadores descontinuados, como os iPods. Fazer parte do processo de escolha e ter uma experiência minimamente inédita ou pouco convencional são os principais motivos para a migração dos novos adultos para aparelhos utilizados pelos pais e, até mesmo, pelos avós. Um reflexo desse momento é o crescimento das vendas de discos de vinil e CDs. Esse movimento está diretamente relacionado ao desapareço dos celulares e a novas expectativas de lidar com as mídias sociais, onde o *cool* é estar presente em uma fase mais sustentável da tecnologia e que experiências individuais reais — mesmo que converse com menos pessoas — são mais fiéis a um propósito maior: a liberdade de viver longe da pressão social. Diferente dos seus pais, que possuem uma relação de fascínio e horror com as redes sociais, os jovens buscam agregar à sua realidade o poder de escolha, desprendendo cada vez mais algoritmos e olhando o mundo com mais cautela com o que deve ser compartilhado. Para eles, o avanço tecnológico pode estar no passado.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

Carinho em espécie

Marnylton Cabral
Graduando em Letras na UFC e membro do Conselho de Jovens Leitores **O POVO**

Não esperava muito mais de uma manhã de quarta-feira; café puro, celular na mão, em uma cafeteria pouco movimentada do Centro. Mas sabemos como são as quartas-feiras. Um homem, não saberia descrever a idade, mas alguns fios brancos na cabeça eram visíveis, vestido de forma simples e usando óculos, chegou com um bom-dia de voz rouca. Sentou-se à minha frente, na mesma mesa em que eu tomava o cafezinho, e me contou, em um tom confessional, que pagava pessoas para lhe dar carinho. Sempre saía de madrugada e pagava, homem ou mulher, para que se deitassem com ele e lhe fizessem carinho, sem segundas intenções. Somente carinho. Disse ainda que preferia os carinhos nas costas. Perguntou se eu já havia passado por isso. Eu pensei: sei que comprei de outras formas. Mas neguei, apenas com a cabeça, porque nem palavras na garganta eu tinha, tamanha a surpresa diante do tom da conversa. Ele riu. Disse que uma vez pagou uma quantia cheia, não especificou valores, para que a pessoa, sem especificar gênero, fizesse carinho em seu corpo inteiro. Depois de todo o carinho, pediu ainda um abraço e uma palavra. A pessoa o abraçou sem estranhar, o que, para ele, foi terno e singelo. A palavra sussurrada foi algo como um “você merece isso, meu bem”. Rindo, contou que chorou. A pessoa foi embora, e ele disse que ficou alguns minutos deitado na cama do motel, em algo meio nirvana. Perguntou, novamente, olhando nos meus olhos, se eu já havia passado por isso. Neguei com a cabeça. Ele riu, pagou meu café com algumas notas deixadas sobre a mesa e foi embora. Não sei se pagaria por carinho da forma que ele relatou. Mas comprei tantos presentes, fiquei tão calado e mudei tantas rotas que ainda passei um tempo sentado na cafeteria, tendo uma espécie de consciência de Samsara.



A palavra sussurrada foi algo como um “você merece isso, meu bem”. Rindo, contou que chorou.

CARLUS CAMPOS



Barra do Ceará: Um projeto de toda Fortaleza

Caio José Gomes Lima Galeno
Membro do Conselho de Jovens Leitores **O POVO**, estudante de Administração na Uece

Por que alguns bairros são tão ricos e outros tão pobres? A resposta é até simples: projeto político. Um exemplo concreto? A Barra do Ceará, bairro mais antigo de Fortaleza e o segundo mais populoso, passou anos na obscuridade, sem investimentos expressivos, liderando os índices de violência. Foi erguido um muro de medo, impulsionado pelos noticiários, que não apenas isolou cidadãos, mas desconectou Fortaleza das suas origens. Uma realidade que marcou profundamente o desenho social dos bairros da Regional 1. Mas, quando o Estado muda o olhar, a comunidade encontra um respiro: a Vila do Mar, acompanhada pela instalação do primeiro Cuca, que integra

a maior rede de proteção à juventude da América Latina. A intervenção direta do Estado foi responsável por abrir uma janela de investimento para a iniciativa privada. Surgiu um ecossistema gastronômico diverso e iniciou-se a recuperação de um bairro que sempre pertenceu à história dos fortalezenses. Mas a transformação não pode parar. É preciso que a sociedade civil se organize para cultivar lideranças políticas e semear iniciativas de protagonismo sociocultural que devolvam o brilho à Barra do Ceará. Com o fomento do governo e da iniciativa privada, podem-se criar iniciativas que resultem em desenvolvimento econômico e social. Restaurar esse bairro não é uma tarefa apenas dos moradores e dos seus representantes, mas de todos nós, pois a Barra do Ceará é o marco zero dos fortalezenses. E merece ser tratada e receber investimentos como tal.

Vitrines e lembranças: Relação entre idosos e museus

Luana da Silva Lima
Membro do Conselho de Jovens Leitores **O POVO**, Arte Educadora no Museu da Fotografia Fortaleza

Os espaços culturais no Ceará têm apresentado um crescimento significativo nos últimos dez anos. Esse avanço está relacionado a políticas públicas de cultura, à ampliação dos equipamentos como museus e centros culturais a partir da década de 2010, período marcado pela criação de novos espaços voltados à formação e ao acesso cultural. Esse movimento possibilitou a ampliação dos processos de visitação por diferentes públicos. Embora esse cenário seja positivo, observa-se ainda uma baixa incidência de visitas avulsas realizadas por pessoas idosas. Em sua maioria, quando esse público frequenta os espaços culturais, o faz por intermédio de instituições como Centros de Referência de Assistência Social (Cras) ou Centro de Convivência do Idoso. Surge, então, a reflexão: o que impede a visitação espontânea desse público? Entre os fatores que contribuem para essa realidade estão limitações físicas, como mobilidade reduzida e cansaço, além da dificuldade de reconhecer a arquitetura dos espaços culturais como ambientes públicos e acessíveis. Soma-se a isso o contexto social de muitos idosos que, por terem tido pouco ou nenhum acesso a museus durante a juventude, ainda não reconhecem plenamente a importância desses espaços. No entanto, essa realidade pode ser transformada a partir de ações museológicas voltadas a eles como oficinas, atividades educativas e eventos planejados especificamente para esse público. Essas iniciativas podem estimular a visitação avulsa, fortalecer o vínculo com o espaço e ampliar o sentimento de pertencimento, como, por exemplo, no período de 2023 a fevereiro de 2026 o Museu da Fotografia Fortaleza teve uma exposição que contemplava Fortaleza Antiga dos anos 1920 aos 1960, onde para muitos idosos, o museu não apenas preserva o passado, mas desperta memórias, valoriza suas vivências e proporciona novos olhares sobre o contemporâneo e o artístico.